

Os sentidos da escola para jovens de camadas médias

Rosana Da Silva Cuba

Introdução

As tradicionais instituições socializadoras do Ocidente, especialmente família e escola, passam por significativas transformações no final do século XX e início do século XXI. A escola, por exemplo, que foi concebida e organizada segundo a ordem da seqüencialidade e hierarquização (TEDESCO, 1998) vê-se diante da erosão desses constituintes, inserida em um contexto muito mais diverso. O universo escolar é atravessado pela popularização dos meios de comunicação e novas TICs (tecnologias de informação e comunicação) e também pelas reordenações do mundo do trabalho, que exigem estudo e aperfeiçoamento o tempo todo. A escola, e tampouco o professor, não têm mais o monopólio de transmissores do saber e únicos agentes promotores da socialização das gerações mais jovens.

Diante desse cenário, coloca-se a necessidade de uma reflexão sobre os atuais significados da escola, a partir da perspectiva juvenil. Este foi o objetivo principal deste estudo, realizado em mestrado na USP (Universidade de São Paulo), o qual buscou entender essencialmente, quais os significados e sentidos da escola para jovens das classes médias.

Com o uso do termo sentido teve-se como objetivo retomar a noção formulada por Max Weber. Segundo este autor, a produção de sentidos se dá associada à finalidade da ação dos indivíduos e quando se atribui um “sentido subjectivo” à ação (WEBER, 2010, p. 7).

A necessidade de reflexões e pesquisas que envolvam a relação dos jovens com a escola e os processos de ressignificação de tal instituição é corroborada por Juarez Dayrell et al (2009)¹ que apontam a presença de 188 trabalhos (teses e dissertações), sendo que 39 referem-se aos significados atribuídos à escola e seus processos, “perdendo” apenas para a temática Indisciplina e Violência da/na escola e juventude, com um total de 41 produções

¹ Em levantamento coordenado por Marília Pontes Sposito, da produção científica de estudantes dos cursos de Pós-Graduação em Educação do Brasil sobre juventudes, de 1999 a 2006, Juarez Dayrell et al analisam as dissertações e teses com o tema Juventude e Escola, que somam um total de 188 trabalhos (164 dissertações e 24 teses) divididos nos seguintes subtemas: Indisciplina e Violência da/na escola e juventude; *Significados atribuídos à escola e seus processos*; Programas e propostas educativas sob a ótica dos alunos; As relações sociais no cotidiano escolar; Sucesso e fracasso escolares; Identidades/ Subjetividades juvenis e escola; Culturas juvenis e escola.

discentes. Os autores também assinalam o número menor de trabalhos relativos aos jovens das camadas médias ou estratos de renda mais superiores:

Neste contexto, o jovem tematizado pelas pesquisas é, em sua maioria, urbano, oriundo das camadas populares e estudante de escola pública. Apesar da ampliação relativa do número de trabalhos que pesquisam jovens de classe média e estudantes de escola particular, ainda existe uma lacuna no conhecimento deste setor da população juvenil (DAYRELL et al, 2009, p. 106).

Os jovens sujeitos desta pesquisa, de cunho qualitativa, estavam inseridos na etapa de escolarização denominada ensino médio, caracterizados por viverem a chamada “*moratória social*” (MARGULIS; URRESTI, 2008): livres da esfera do trabalho, com possibilidades de vivenciar a condição juvenil dedicando-se exclusivamente aos estudos e ao lazer. A pesquisa foi realizada nos anos de 2012 e 2013 em escola da rede particular de ensino do município de São José do Rio Preto, localizado na região noroeste do estado de São Paulo, Brasil. A escola é denominada (nome fictício) Cecília Meireles e oferece o ensino fundamental e médio, com um total de cerca de 400 alunos, 71 deles matriculados regularmente no ensino médio. Participaram da pesquisa 63 jovens², sendo 32 estudantes do primeiro ano (de um total de 33); 19 do segundo ano (de um total de 24) e 12 do terceiro ano (de um total de 14). A faixa etária compreende desde os 14 aos 18 anos, com uma prevalência de 41 estudantes do sexo feminino e 22 do sexo masculino, autoidentificados como majoritariamente brancos (54), pardos (6) e negros (3).

O colégio Cecília Meireles pode ser caracterizado como uma “escola de bairro” (LELIS, 2005): é uma instituição de pequeno porte que atende, prioritariamente, a clientela moradora das suas proximidades. Inserido em um município considerado pólo regional, com mais de 400 mil habitantes, luta para manter-se em um mercado concorrido, haja vista a quantidade total de escolas da cidade: 55, com 26 delas do tipo particulares.

Aportes teóricos e metodologia da pesquisa

Procuramos compreender os jovens sob a perspectiva de autores contemporâneos da área da Sociologia que são referências na temática, como Sposito (2003; 2009); Dubet e Martuccelli (1996); Mellucci (1997); Dubet (1998). Tais autores

² A pesquisa foi submetida e aprovada por Comitê de Ética e todos os nomes que pudessem identificar os jovens, bem como a escola, foram modificados. Aos jovens menores de idade também foi disponibilizado TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para que os seus pais e/ou responsáveis pudessem autorizar a participação dos estudantes.

são reconhecidos por conceber as juventudes sem dissociá-las dos contextos histórico-sociais e das singularidades em que estão inseridas. Como propõe Pais (2003), para estudarmos os jovens é preciso investigar processos relacionais e entender “como a sociedade se traduz na vida dos jovens”.

Portanto, partiu-se do pressuposto de que as juventudes são plurais. É preciso assinalar que não há uma juventude homogênea no Brasil, como supõe os meios de comunicação de massa ou o senso comum. Para conhecermos os jovens, é preciso situá-los para além da sua condição de alunos e alunas. Dayrell (2009) caracteriza os jovens alunos de ensino médio como “o jovem desconhecido”, diante das concepções correntes que tratavam da moratória social como sendo um aspecto universal e, conseqüentemente, deixavam de atentar para as singularidades da condição juvenil no Brasil ou para as mutações de muitas das instituições socializadoras tradicionais.

Karl Mannheim, em texto de 1928, já destacava a necessidade de se considerar as pertenças de classe e a situação geracional (a comunidade de pertencimento com anos de nascimento próximos) nos estudos sociológicos. Sendo assim, inseridos em um tecido social comum, os jovens produzem sentidos em “determinado terreno de juego dentro del acontecer possible” (MANNHEIM, 1993, p. 209). Partilham desta perspectiva a maior parte dos estudos que tem como temática a juventude ou os jovens e sua relação com a escola na contemporaneidade: Pais (1999); Charlot (2001); Caierão (2008); León (2005) e Reguillo (2000).

O olhar teórico escolhido exigiu diversos procedimentos metodológicos que sinalizassem a pertença de classe dos jovens e a sua produção de sentidos e significados sobre a escola. Dayrell et al (2009) questionam se o constante uso – na maioria dos trabalhos de pesquisa sobre juventude e escola – de entrevistas, grupos focais, observação participante e aplicação de questionários “seriam tão universais ou se não estaria faltando uma maior criatividade na construção de novos instrumentos metodológicos que pudessem apreender melhor a realidade juvenil” (DAYRELL et al, 2009, p. 109). Depois de refletir sobre tal questionamento, optou-se por incluir, além do questionário socioeconômico e da observação participante no ambiente escolar, dois outros procedimentos: a análise de conteúdo postado em um grupo virtual de uma rede social que incluía alunos do primeiro ano do ensino médio e docentes e, ainda, a produção de narrativas sobre a escola. A observação ocorreu no segundo semestre de 2012 (setembro a dezembro) e em 2013 (março), quando houve alguns retornos mais

pontuais. As narrativas, por sua vez, tiveram como inspiração uma técnica de diálogo utilizada por Charlot (2001), cujo texto foi adaptado:

Imagine o que você sentiria se um belo dia encontrasse na entrada da escola um ET (extraterrestre) o esperando. A missão dele é levar para o seu planeta de origem a experiência de escola dos jovens terráqueos. Então, ele tem uma semana para aprender tudo sobre a escola e o que ela significa para os jovens e para sua vida. O que você acharia importante dizer a ele? Qual o sentido da escola para você? Porque você a frequenta todos os dias? O que faz na escola? O que você mais gosta na escola? O que menos gosta? O que a escola deveria oferecer para satisfazer aos jovens?

Você pode dizer tudo o que quiser e achar que vale a pena dizer. (Texto adaptado de: CHARLOT, 2001, p. 37)

Para fazer as análises das mensagens trocadas pelos jovens no grupo virtual, bem como em suas narrativas, foi utilizada a análise de conteúdo que propõem os autores Szymanski, Almeida e Prandini (2002). Sendo assim, construiu-se categorias analíticas a partir dos dizeres dos jovens.

Caracterização socioeconômica dos jovens e de suas famílias

Através dos questionários, foi possível confirmar a pertença dos jovens pesquisados e suas famílias, aos estratos das camadas médias. Para chegar a essa conclusão, utilizou-se do critério da ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais) que verifica a posse de diversos itens como eletrodomésticos e automóveis, a contratação de empregada doméstica e escolaridade daquele (a) que mais contribui para a renda da família. Do total dos 63 jovens participantes, não há nenhum em famílias nas classes E, D e C2. Há três famílias na classe C1, vinte e duas na classe B2, dezenove na classe A2 e duas famílias na classe A1. As mães apresentaram escolaridade superior à dos pais, contudo, isto parece não corresponder, de forma linear, a profissionalização e autonomia. Entre as mães, duas são empresárias, sendo que entre os pais, dezoito são apontados como empresários.

Os projetos de escolarização dos filhos também se confirmaram como característica das camadas médias (ROMANELLI, 1995; NOGUEIRA, 2008; 2010). A maioria dos jovens realizou todo o percurso de escolarização na rede particular. Lelis (2005) afirma que os jovens das classes médias realizam percursos “menos erráticos”. Porém a autora faz uma ressalva de que é impossível associar aprovações como resultado de qualidade da escolarização, uma vez que nas escolas particulares há um

“conjunto de estratégias invisíveis” (LELIS, 2005, p. 148) que são postas em prática, pelos pais, para “garantir” o sucesso (ou pelo menos a aparência dele) dos filhos.

Os jovens, portanto, desfrutam de um padrão de vida confortável e estudar em um colégio privado parece compor o repertório que os distingue de outras parcelas da população juvenil. Estudar em um colégio particular, poder consumir as novas TICs, não preocupar-se com o trabalho, são formas de garantir o *status* de grupo privilegiado economicamente e afirmar os próprios interesses, realizar suas escolhas num feixe maior de possibilidades.

Uma das formas de consumo que caracteriza as classes médias do Cecília Meireles diz respeito às viagens relacionadas ao lazer. Do total de 62 jovens (um dos jovens não respondeu à pergunta), 44 disseram que sim, costumam viajar. A maioria dos jovens (28) informou que viaja frequentemente para “ranchos”: casas à beira do rio Grande, localizadas na fronteira de São Paulo com o estado de Minas Gerais, em condomínios destinados a este tipo de moradia e viagens (pelo menos uma vez ao ano) a destinos conhecidos nacionalmente. As viagens internacionais são realizadas com menor frequência e por uma porcentagem bem menor de estudantes (apenas 08 estudantes declararam que saem do país ao menos uma vez por ano). As viagens para a praia são feitas pela maioria (um total de 42 jovens), ao menos uma vez ao ano.

Os dados encontrados confirmam a pesquisa e a constatação de Guerra et al (2006). Segundo o autor, para entendermos a classe média não podemos deixar de lado os seus padrões de consumo – que identificam e diferenciam tal grupo. A partir dessa perspectiva, o autor destaca que o gasto das famílias das classes médias é maior do que as camadas mais pobres no que se refere às “(...) viagens, gasolina, álcool, aquisição e manutenção do veículo próprio (...)”(GUERRA et al, 2006, p. 91).

Resultados da pesquisa: a escola entre o dever-ser, a prova e a trollação

Em suas narrativas e também nas respostas aos questionários, os estudantes registraram o que os adultos gostariam de ouvir: a escola “é o lugar de aprender”, “é essencial à formação pessoal”, é “condição para um futuro profissional promissor” – o futuro promissor” aparece como uma forma de camuflar uma insatisfação com a instituição ou com as práticas pedagógicas realizadas diariamente.

Quando questionados, por exemplo, se a educação escolar é importante, quase todos os jovens responderam à questão de forma positiva (sim). De um total de 63

participantes, 61 disseram que sim, a educação escolar é importante e apenas dois estudantes disseram que a educação escolar não é importante. Foram dois jovens do sexo masculino, o Sandro, do primeiro ano e o Bernardo, do terceiro ano³.

Além de perguntarmos aos jovens se a educação escolar é importante, pedimos que escrevessem três motivos. O objetivo da pergunta era compreender as finalidades e, portanto, o sentido da escola para os jovens. Contudo, não obtivemos respostas de todos. Uma mulher do primeiro ano não explicitou nenhum motivo⁴. O aprendizado é o motivo mais citado pelos jovens, com pouca diferença numérica entre as segundas posições que referem-se a futuro, socialização, emprego e vestibular:

Porque a educação escolar é importante?

Motivo 1	Frequency
Emprego/Profissão	10
Vestibular	12
Futuro	12
Aprendizado	14
Socialização	12
Total	60
Missing System	3
Total	63

Os resultados encontram ressonância, com aqueles encontrados por Charlot (2001) com jovens entre 13 e 17 anos, oriundos de camadas de baixa renda da cidade de São Paulo. No estudo do autor, de onde retiramos a narrativa para elaborar a nossa pesquisa, as referências sobre o sentido da escola e da relação dos jovens com o saber dizem respeito a “saberes práticos” (Charlot, 2001, p. 38), tais como aquisição da linguagem, trabalho, saberes de natureza ético-moral, ler e escrever.

³ Os jovens enumeram as seguintes razões: A escola não ensina o principal, que é educação (motivo 1). A escola ensina coisas que você odeia, como espanhol (motivo 2). Gasta muito dinheiro sem dar muito em troca (motivo 3) (Sandro, 1º ano). A maioria dos conhecimentos não serão usados (motivo 1). Esses conhecimentos serão descartados (motivo 2). Aliena muitas pessoas (motivo 3).

⁴ Os dados foram analisados através do programa de computador denominado SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). O programa permite fazer alguns cruzamentos de dados, portanto consideramos mais adequado para as análises. Com relação às respostas abertas, foi necessário estabelecer categorias que correspondessem aos significados das respostas dos sujeitos. Szymanski, Almeida e Prandini (2002) destacam que o mesmo tipo de procedimento é utilizado para compreender entrevistas e orientar procedimentos de pesquisas qualitativas

Com relação às narrativas, tivemos um total de 50 textos, sendo que vinte e nove foram elaborados por jovens do sexo feminino e 21 por jovens do sexo masculino. Na maioria das narrativas, foi possível apreender um sentido conferido à escola como sendo uma “obrigação necessária”⁵.

Vejam algumas das narrativas, para, em seguida, darmos continuidade à análise:

A escola é um lugar onde você aprende várias coisas do cotidiano, com vários tipos de matérias; o sentido da escola para mim é aprendizagem e exercitação do cérebro; Frequento porque sou obrigado; Gosto mais da aula da Jane; O que menos gosto são as provas; Deveria ter mais dinâmica.
(jovem do sexo masculino, 2º ano)

Para mim, a escola é importante, pois penso muito no meu futuro. Frequento a escola tanto por obrigação, tanto porque quero. (...) A escola para satisfazer o jovem, deve procurar ouvi-lo e dentro do possível atender ao que é pedido.
(jovem do sexo feminino, 1º ano)

A escola é a base da formação intelectual e social para os jovens, uma vez que tem um papel fundamental na educação do jovem. O fato dos jovens irem todos os dias na escola é porque necessitamos de muitas horas, dias, muito tempo para absorver todo o conhecimento que tenta ser passado. O ponto que mais me interessa na escola é a oportunidade constante de novas experiências e de adquirir conhecimento, que irá me ajudar no futuro, tanto entrar na faculdade quanto conviver em sociedade. O que não me agrada muito na escola às vezes, é a convivência em grupo, que pode acarretar muitos problemas, mas também traz amadurecimento.
(jovem do sexo feminino, 2º ano)

A escola é um lugar onde vamos para aprender e para encontrar os amigos. Os professores nos ensinam e nos fazem estudar.
O que eu menos gosto é que temos que estudar coisas que não nos interessam.

Na escola deveríamos estudar coisas que nos interessam, mas sei que isso seria quase impossível.
(jovem do sexo masculino, 1º ano, grifos do autor)

Eu mostraria a ele que nós vamos para a escola desde pequenos depois explicaria que isso é bom para o convívio, para relações com outras pessoas, para poder ter um futuro bom, conseguir empregos bons.

⁵ Vale ressaltar que houve pouca adesão do 2º ano nesta atividade, sendo que há apenas 09 textos dessa turma, de um total de 24 jovens, sendo que até mesmo a resposta aos questionários foi menor, com um total de 19 jovens. No 1º e 3º anos houve 29 (de um total de 33 jovens) e 12 (de um total de 14 estudantes) produções textuais, respectivamente. Com relação ao questionário, do 1º ano temos 32 participantes e do 3º ano um total de 12 questionários.

Cultivar amigos, ter novos conhecimentos como se fosse uma segunda família porque eu gosto é como se fizesse parte do meu dia, sinto falta quando não venho. Eu estudo, interajo com meus amigos. Eu gosto dos meus amigos, de alguns professores, de aprender coisas novas, que eu gosto. Talvez pudessem usar mais tecnologia, e algumas escolas manter uma relação mais aberta, mais íntima como na nossa escola.

(jovem do sexo feminino, 3º ano)

A escola é uma das coisas mais importantes da juventude, é na escola que decidimos nossa vida profissional, fazemos amigos e aprendemos a ter responsabilidade.

Expliquei que ainda há muitas falhas no sistema escolar, os alunos deveriam ser mais estimulados, e deveriam ter atividades extracurriculares.

(jovem do sexo masculino, 3º ano)

A análise dessas narrativas mostra alguns pontos de convergência sobre os sentidos da escola: a aprendizagem de valores morais e de conteúdos. Os jovens ainda vêm a escola como responsável por sua preparação para o futuro e por torná-los “gente”, cumprindo com a socialização dos mais novos.

Contudo, além desse núcleo que sustenta a necessidade da instituição, aparecem algumas queixas e tensões sinalizando uma relação dúbia, formada por tempos e espaços preenchidos ora por certezas quanto à necessidade de frequência, ora por dúvidas sobre a forma como as atividades escolares estão organizadas, as disciplinas com as quais não tem afinidade e as obrigações que devem ser cumpridas.

Se considerarmos mais trabalhos sobre a produção de sentidos sobre a escola, por parte dos jovens das classes populares e médias, algumas destas pesquisas sinalizam para uma confluência de valores e sentidos com relação à escola e aos processos de escolarização. As pesquisas de Sposito e Galvão (2004) constataam que a demanda dos jovens, de camadas mais populares, além da socialização, é por um ensino mais completo, que ofereçam possibilidades de enfrentar o mundo do trabalho, principalmente se considerarmos que com uma origem social mais empobrecida, será muito mais difícil buscar recursos intelectuais que talvez só a escola possa oferecer. Isto nos permite dizer, inicialmente, que os sentidos atribuídos à escola, por jovens de diferentes classes sociais são semelhantes, embora guardem algumas especificidades. Caierão (2008) também constata, em pesquisa cujos sujeitos são jovens de duas escolas públicas da cidade de Passo Fundo (RS), que a escola carrega os sentidos de conhecimento e sociabilidades, sendo que a aquisição de conhecimento é o priorizado pelos jovens:

Em outras pesquisas com mote semelhante, Barbosa (1999) conclui que jovens de uma escola técnica federal do Rio de Janeiro desejam que a escola articule conhecimento e o encontro, para que possam ter garantidas as possibilidades de futuro, sem, contudo, excluir o prazer e o divertimento no espaço escolar. Matos (2001) fez pesquisa envolvendo jovens de camadas populares e mais abastadas e também constata que a escola é importante como espaço de conhecimento e aprendizado para os jovens, mas há uma demanda por conteúdos mais próximos das suas realidades e formas mais lúdicas de vivenciar tal espaço.

Se os principais sentidos da escola são a socialização e o aprendizado, os motivos e os modos de presença nesse universo escolar são permeados por mais redes de significação que compõem os seus processos de escolarização. Estar entre os amigos, buscar espaços e tempos em que possam vivenciar a condição juvenil e articular diversão também é fundamental para os jovens do Cecília Meireles. Na medida em que esse encontro lúdico com os amigos não pode ser o sentido único da escola, o mundo escolar adquire a configuração de uma “prova” pela qual precisam passar.

Frequentar a escola todos os dias, assumir o estatuto de aluno, é para os jovens pesquisados, uma verdadeira “prova”. Referimo-nos à noção proposta por Martuccelli (2007) segundo a qual a prova escolar é “(...) el resultado de la tensión entre la selección escolar y una confianza institucional en sí mismo (MARTUCCELLI, 2007, p. 113). Nas narrativas, nos diálogos, na sala de aula, frequentemente, a escola e os processos de escolarização são experimentados pelos jovens do Cecília Meireles como se vivencia uma prova, um fardo pesado, um teste que lhes desafia e lembra, diariamente, que a escola não é só o lugar do encontro, como gostaria que fossem e onde adoram estar:

Eu acharia interessante dizer que a única coisa que você leva da vida é a sabedoria, e que é isso que a escola “tenta” transmitir para nós.

O sentido da escola para mim é adquirir conhecimento e ter oportunidade de ser alguém na vida, com um bom serviço e dar boas condições para mim e minha futura família. Confesso que escola não é a melhor coisa, preferia ficar em casa dormindo, mas penso no sacrifício de meus pais para pagar um bom colégio para mim e acabo vindo. Costumo vir mais para conversar, e ver amigos, gosto de conversar, rir, de alguns professores... , o que menos gosto é da antipatia de algumas pessoas. A escola não tem que oferecer mais nada, pois já oferece o suficiente, mas os professores deveriam dar aulas mais na prática, pois só falando dá tédio em qualquer um. (Regiane, 3º ano).

A escola é muito importante, mas as vezes algumas coisas teriam que ser mudadas por exemplo algumas diretoras e inspetoras chatas e alguns professores chatos. Fazer novas amizades, combinar festas entre nós.

Frequento porque sou obrigado a vir, e também porque tem aulas legais. Estudo, toco violão, converso, troco ideias. O que mais gosto na escola são as aulas de química, de inglês, de matemática, de geografia. O que menos gosto são dos diretores, as inspetoras, dos professores.

Oferecer internet, computadores em todas as classes, o uso do celular.

(Eliseu, 2º ano)

Nas duas narrativas é nítida a dualidade entre o que se espera da escola e o que, de fato, ela se torna. Como se estivessem diante de uma prova, é preciso que elaborem respostas diante do mundo escolar instituído. Os jovens tem que ser “fortes” para convencer-se a acordar cedo e enfrentar as aulas tediosas, que, muitas vezes parecem tomar a forma de um monólogo dos docentes. A jovem do 3º ano procura uma motivação familiar e econômica – o pai sacrifica-se para pagar a escola – enquanto o jovem do 2º ano parece preencher o tempo com as amizades e o diálogo com os seus pares para viver o penoso dia-a-dia escolar.

Os sentidos da escola, portanto, combinam-se numa lógica em que perpassam o dever ser (aprendizado e socialização), o encontro (trollação, amizade) e a prova (tensões entre o que a escola exige e o que os alunos desejam ser).

Leite (2011) e Lelis (2005) também apontam para a elaboração, por parte dos jovens, de estratégias para ressignificar os modos de ser aluno e os processos de escolarização, frente às expectativas de suas famílias: “(...) todos reconhecem o valor da educação na sociedade, mas nem todos estão totalmente identificados com os estudos (LEITE, 2011, p. 83).

Ora, é este o indivíduo encontrado por nós na pesquisa: o aluno que é econômico na realização da atividade escolar, o aluno estrategista que usa o tempo com base no trabalho que precisa efetuar e que o faz com a lógica de “um mínimo necessário a um desempenho satisfatório”, independente do estilo de ensinar “do” professor, da maior ou menor afinidade com a disciplina (LELIS, 2005, p. 158-159).

Nogueira (2006) em tese de doutorado mostra como a “zoeira” faz parte da construção das identidades juvenis e pauta as redes de sociação entre estudantes do terceiro ciclo do ensino fundamental da chamada Escola Plural em Belo Horizonte⁶:

A zoação serve para quebrar o clima da sala de aula. Dar um outro sentido ao que se passa no interior da escola, acrescentando-lhe novas dinâmicas, investindo em atuações não prescritas aos papéis de aluno que não são, entretanto, de todo descartados. O que se engendra na sala de aula é uma alternância significativa entre velhas e novas inserções que, além de não eliminar as já consagradas pela dinâmica escolar, traz para essa uma tensão, pois zoar é por o clima da sala de aula em questão. É modalizar o enquadre primário atribuindo-lhe outros sentidos aos modos de estar em sala e torná-la significativa para os alunos e alunas. (NOGUEIRA, 2006, p. 110).

No colégio Cecília Meireles os jovens utilizam com mais freqüência o termo e a ação de “trollar”, que tem uma relação mais estreita com a internet e as redes sociais⁷, muito presentes nas vidas dos jovens pesquisados. Segundo Zago (2012), a origem do termo refere-se a uma expressão na língua inglesa: “trolling for suckers”, que em português significa “lançando a isca para os trouxas” (Zago, 2012, p. 152). A autora define o termo da seguinte maneira:

Na internet, costuma-se usar o termo “troll” para designar um indivíduo que perturba o bom andamento de uma comunidade virtual através de postagens de mensagens negativas ou fora de contexto (ZAGO, 2012, p. 151).

Para deixar mais claro o que é trollar, relato um trecho da observação de sala de aula, quando o jovem estudante Maurício, do terceiro ano, tenta trollar a professora, dizendo que há aulas livres às quartas e quintas feiras, para convencê-la a não fazerem nada relativo aos conteúdos curriculares previstos:

Maurício: Ai, professora, a gente tá cansado.
Jaqueline: Dá aula livre, professora, pelo menos uma vez na vida.
Maurício: É, deixa a gente descansar. Na quarta só tem aula livre.
Professora: Gente, não posso... Impossível... mas que negócio é esse de aula livre toda quarta, como assim?
Maurício: Ah, a gente tem tempo livre para fazer outras coisas, sabe... (dá um sorriso contido, “de canto de boca”).
Professora: (aparentando descrença) Hum... tá... Então tem aula livre toda quarta-feira?
Maurício: É.
Vitor: Ah, e as quatro primeiras aulas da quinta feira também!

⁶ “A Escola Plural, experiência realizada em Belo Horizonte, propõe a reorganização dos tempos escolares através da implantação dos “ciclos de formação”. Diferente da escola seriada, o ciclo busca alargar a experiência do aluno na escola e favorecer o trabalho pedagógico ao eliminar a distorção idade/série identificada como uma das responsáveis pelo desestímulo do aluno em aprender e que o leva a evadir mais cedo dos bancos escolares (NOGUEIRA, 2006, p. 59-60).

⁷ O termo teria surgido na Usenet, uma rede de computador ainda em uso, com fóruns de discussões de textos, organizadas em tópicos (ZAGO, 2012).

Professora: Não posso, gente... Vamos estudar um pouquinho, daqui a pouco vocês vão pra casa mesmo!

A partir daí a professora prossegue com uma aula expositiva, sem conseguir, contudo a atenção de todos, que, aparentemente, ouvem o que ela diz, mas não fazem nenhuma intervenção para tirar dúvidas ou comentar algo.

Em outra situação, é uma docente (professora de literatura) que se envolve em um bate-papo entre os jovens, e os trolla no grupo virtual:

30/09/2012 21h40

Camila: Gente, não esquece que amanhã tem prova de literatura!!

30/09/2012 21h48

Talita: ainda não li o livro (rsrsrsrsrsrs) na verdade eu tentei ler, porém é muito difícil de compreender, então li um resumo...

30/09/2012 21h49

Talita: olá zero, como vc está?

30/09/2012 21h54

Vinicius: Arnold-o

30/09/2012 22h47

Professora de Literatura: sei... kkkkkk

30/09/2012 22h48

Talita: '- to falando sério, não li o livro

Um jovem do sexo masculino (Rubens) curtiu o comentário.

30/09/2012 22h48

Talita: Ahhh Rubens, se curtiu o comentário é porque também não leu kkkkk

30/09/2012 22h49

Professora de literatura: espero que o resumo seja bom kkkk

30/09/2012 22h49

Talita: ... oops

30/09/2012 22h50

Rubens: vish uahuahua

É possível perceber que a trollação é uma recusa ao enquadramento nas normas escolares. É também uma forma de chacota irreverente, de quem deseja burlar algumas regras ou desestabilizar a ordem estabelecida sem, contudo, aderir ao enfrentamento direto.

Considerações Finais

Nogueira (1997) destaca que Bourdieu configura dois grupos para nomear de forma mais clara as relações das frações médias com a escola: convertidos e oblatos. Os convertidos caracterizam-se pela adesão quase irrestrita à escola e ao conhecimento, dedicados às atividades propostas, certos de que a transmissão de conhecimentos é a “herança” maior que se pode ter. Os oblatos aceitam as ações pedagógicas, mas sem identificarem-se, pessoalmente, com as mesmas⁸. Pertencem às frações com menor capital cultural e, portanto, investem maior esforço e relacionam-se de uma forma séria com os saberes da escola. É necessário destacar que tais categorias de análise são utilizadas na França, com uma escola republicana laica e pública oferecida a todos os cidadãos e cidadãs franceses. Embora tais categorias possam nos oferecer pistas, é certo que não há como enquadrar os jovens do Colégio Cecília Meireles em apenas uma dessas opções. Ora são convertidos, ora são oblatos. Em determinadas conversas do grupo virtual, discutem sobre as resoluções de listas de exercícios, estão engajados em seu ofício de aluno. Em outro trecho, tentam combinar que todos possam faltar no dia seguinte.

Os jovens pesquisados estão com e contra a escola, a valorizam como fonte de conhecimento e socialização, ao mesmo tempo em que a julgam uma tarefa árdua, penosa. Esta ambivalência é compreensível, especialmente, se considerarmos o que diz Setton (2009) sobre a socialização e as particularidades do *habitus* no mundo contemporâneo. A autora reflete sobre as definições de Lahire (2002), segundo o qual não é possível estabelecer uma coerência ou unidade nos processos de socialização, mas orientações em diversas direções, caracterizando o homem contemporâneo como um ator plural:

Em síntese, todo indivíduo exposto a uma pluralidade de mundos sociais se submete aos princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios e, em assim sendo, não responderia ou agiria segundo um sistema único de disposições de *habitus* (SETTON, 2009, p. 300).

Quaresma, Abrantes e Lopes (2009) analisam - em um artigo - os sentidos atribuídos à escola, por crianças e jovens, em Portugal. Os autores comparam os dados apresentados por duas pesquisas do tipo “estudo de caso”: uma foi realizada em escolas privadas frequentadas por classes dominantes (uma escola laica e uma religiosa) e a outra pesquisa refere-se a sete agrupamentos de escolas de contextos sociais

⁸ A autora assinala que o uso de “(...) dois vocábulos eclesiásticos quer sem dúvida, conotar a sacralização (fetichização) da cultura pelas classes médias” (NOGUEIRA, 1997, p. 124).

marginalizados. Com relação aos estabelecimentos privados, os autores encontram resultados, em certa medida, semelhantes aos que apresentamos aqui: os jovens assumem a aridez do cotidiano, a necessidade de sacrifício do presente para aumentar as possibilidades de realização dos seus projetos de futuro. Em nossa pesquisa, os jovens não aceitam, tão facilmente, esta prerrogativa por parte da escola. Ao presente não basta que seja o dever-ser, é preciso que tenha outras razões, que seja vivido e não apenas um tempo de espera.

Referências

BARBOSA, Maria Emília Alfano. *Condição juvenil e experiência discente: um estudo em uma escola de ensino médio*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CAIERÃO, Iara Salete. *Jovens e escola: trajetórias, sentidos e significados: um estudo em escolas públicas de ensino médio*. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

CHARLOT, Bernard. *Os jovens e o saber: Perspectivas mundiais*. 1º ed. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

DAYRELL, Juarez et al. Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília Pontes (coord.) *Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volume 1. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009, p. 57-126.

DAYRELL, Juarez. O aluno do Ensino Médio: O Jovem Desconhecido. Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Ano XIX boletim 18 – Novembro 2009, p. 16-23. Secretaria de Educação a Distância, MEC, BRASIL. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012176.pdf>. Acesso em 23 mar. 2015.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. *Revista Contemporaneidade e Educação*. Rio de Janeiro, ano 3, v.3, p.27-33, 1998. Disponível em: <http://www.lcqrubeiro.pro.br/wp-content/uploads/2011/03/A-forma%C3%A7%C3%A3o-dos-indiv%C3%ADduos-DubetFran%C3%A7ois1.pdf> / Acesso em 27 set. 2014.

DUBET, François; MARTUCELLI, Danilo. *En la escuela: sociologia de la experiencia escolar*. Madrid: Editorial Losada, 1996.

GUERRA, Alexandre et. al. *Atlas da nova estratificação social no Brasil: Classe Média, Desenvolvimento e Crise*. São Paulo: Cortez, 2006.

LEITE, Gelson. *Juventude e socialização: os modos de ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte- MG*. 2011. Dissertação (Mestrado

em Educação). FaE : Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LAHIRE, Bernard. O homem plural: os determinantes da ação. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

LELIS, Isabel. O significado da experiência escolar para segmentos das camadas médias. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 137-160, mai/ago. 2005.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. FREITAS, Maria Virgínia de (org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo, Ação Educativa, 2005, p. 09-18.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. In: *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, nº 62, 1993, p. 193-242.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. ¡La juventud es más que una palabra!

MARGULIS, Mario (org.). *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, 2008, p. 13-30. Disponível em: <http://apuntes.cejvg.com.ar/sites/default/files/Melita%20-%20Mario%20Margulis%20-%20La%20juventud%20es%20mas%20que%20una%20palabra.pdf>. Acesso em 23 mar 2015.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude e escola: desvendando teias dos significados entre encontros e desencontros*. 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2001.

MARTUCCELLI, Danilo. *Lecciones de sociología del individuo*. Pontificia Universidade Católica del Peru. Departamento de Ciencias Sociales, Lima, Peru, 2007.

MELLUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Tradução: Angelina Teixeira Peralva. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5, p. 5-14, mai.jun.jul.ago. 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e oblatos – um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto, Portugal, nº 7, maio, p. 109-128, 1997.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. *Identidade juvenil e identidade discente: processos de escolarização no terceiro ciclo da escola plural*. 2006. Tese (Doutorado em Educação). FaE: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar – Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículo Sem Fronteiras*, v. 10, nº1, p. 213-231, jan.jun 2010.

PAIS, José Machado. Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea. Lisboa: SEJ/ICS, 1999.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

REGUILLO, Rossana Cruz. Emergencia de culturas juveniles. Estrategias del desencanto. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

QUARESMA, Luísa Maria; ABRANTES, Pedro; LOPES, João Teixeira. Mundos à parte? Os sentidos da escola em meios sociais contrastantes. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, Porto, Portugal, n.º 70, pp. 25-43, 2012. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/10300/10441.pdf>. Acesso em 10 fev 2015.

ROMANELLI, Geraldo. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 76, n 184, p. 445-476, set/dez 1995.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, nº 41, mai.ago 2009, p. 296-307.

SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. *Revista da USP*, São Paulo, n.57, p.210-226, março/maio 2003.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.) *Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volume 1. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

SZYMANSKI, Heloisa (org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; REGO, Regina Célia. Perspectivas para a análise de entrevistas. In: SZYMANSKI, H (org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília, DF : Editora Plano, 2002, p.63- 86.

TEDESCO, Juan Carlos. *O novo pacto educativo*. São Paulo: Ática, 1998.

WEBER, Max. *Conceitos sociológicos Fundamentais*. Tradução: Artur Morão. Covilha, Portugal: LusoSofia, 2010.

ZAGO, Gabriela da Silva. Trolls e Jornalismo no Twitter. *Estudos em jornalismo e mídia*. Florianópolis, vol. 9, n.1, p. 150-163, janeiro a junho de 2012.